



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB

ILDETE MARIA DA SILVA

REFLEXÕES TEÓRICO-PRÁTICAS ARTICULADAS Á VIDA ESCOLAR:
Necessidades e possibilidades.

CATOLÉ DO ROCHA – PB.

2014

ILDETE MARIA DA SILVA

REFLEXÕES TEÓRICO-PRÁTICAS ARTICULADAS À VIDA ESCOLAR:
Necessidades e possibilidades.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba como requisito para obtenção do
título de Licenciatura Plena em
Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Ma. K. Ariane Benício
de Sá

CATOLÉ DO ROCHA - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586r Silva, Ildete Maria da.
Reflexões teórico-práticas articuladas a vida escolar
[manuscrito] : necessidades e possibilidades / Ildete Maria da
Silva. - 2014.
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia
EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino
Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Ariane Kércia Benício de Sá Barreto,
Secretaria de Educação à Distância".

1. Teoria e prática. 2. Leitura e Escrita. 3. Formação de
cidadãos críticos. I. Título.

21. ed. CDD 370.71

ILDETE MARIA DA SILVA

**REFLEXÕES TEÓRICO-PRÁTICA ARTICULADAS A VIDA ESCOLAR:
Necessidades e possibilidades.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Estadual da Paraíba como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciatura
Plena em Pedagogia.

Data da avaliação: 25 / 07 / 2014

BANCA EXAMINADORA

Ariane Benício

Orientadora: Prof. Ma. Ariane Kercia Benício de Sá Barreto
(UEPB)

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Examinador (a): Prof^a. Maria Fernandes de Andrade Praxedes
(UEPB)

CATOLÉ DO ROCHA- PB

2014

DEDICATÓRIA

O presente trabalho acadêmico é dedicado a Deus pelo dom da vida, autor do meu destino, meu guia e meu socorro de todas as horas. Ao meu esposo Manoel Targino da Silva, às minhas filhas Ildeniz e Itamara que iluminaram de maneira especial os meus pensamentos em busca do conhecimento, a meus filhos Izanio, Izênio, Jakulo sem a ajuda deles eu não teria forças e coragem para questionar essa longa jornada, aos meus netos, genro e nora que me ajudaram me dando forças e apoio para a realização desse grande sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que nunca me abandonou mesmo nos momentos mais difíceis sendo meu amparo e refúgio.

Agradeço a todos que contribuíram com o desenvolvimento de minha prática pedagógica.

Ao meu pai, (*in memoriam*), que mesmo sem sua presença física está sempre presente em meu coração e pensamento, à minha mãe, responsável por tudo que sou hoje, a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida. A meu esposo, que sempre me compreendeu. A meus filhos, que em todos os momentos não me deixaram desistir da luta.

A todos os professores, que foram importantes na minha formação acadêmica em especial ao professor Jairo Bezerra Silva pela paciência e por não nos deixar perdidos nos estágios supervisionados, e ao professor Rômulo Lima, você foi um porto seguro de incentivo, sempre pedindo para seguirmos em frente.

À coordenadora do curso pelo convívio e pelo apoio, pela compreensão e pela amizade.

Enfim, agradeço a todos que ajudaram na construção desta monografia e apoio, em especial à Cassandra Alves de Oliveira Targino, May Iakylo e Jailson Júnior, que de uma forma imensurável não mediram esforços para que eu conseguisse finalizar esta monografia.

Meu muito obrigada!

“Crescer como Profissional significa ir localizando-se no tempo e nas circunstâncias em que vivemos, para chegarmos a ser um ser verdadeiramente capaz de criar e transformar a realidade em conjunto com os nossos semelhantes para o alcance de nossos objetivos como profissionais da Educação”.

(Paulo Freire)

RESUMO

O presente trabalho trata sobre reflexões teórico/práticas das experiências pedagógicas desenvolvidas em escolas públicas da cidade Brejo dos Santos – PB, que foram observadas durante os estágios supervisionados, que possibilitou uma discussão ancorada na teoria e prática do docente, bem como a problemática encontrada durante o processo educacional. A discussão ancora-se na necessidade de refletir as práticas pedagógicas, bem como elas vem sendo discutidas e trabalhadas, e tem como objetivo mostrar quais possibilidades de mudanças de acordo com a necessidade do meio escolar. A partir das observações sentiu-se a necessidade de investigar a concepção dos professores do Ensino Fundamental a respeito das dificuldades e possibilidades do ensino de leitura e escrita. Para a análise dos dados aplicou-se um questionário a três professoras das escolas observadas durante o período de Estágio. Como principal embasamento teórico recorreu-se à Cerizara (1992), Canario (2006), Dourado (2000), Ferreiro (1993), Pinto (2000), entre outros. Conclui-se que para o saber/fazer, a relação teórico-prática é de importância fundamental à formação de cidadãos críticos e participativos na sociedade, com vista a dar possibilidades de refletir sobre a forma de redimensionar a problemática na educação.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria e prática. Leitura e Escrita. Formação de cidadãos críticos.

ABSTRACT

This paper deals with theoretical reflections / practices of teaching experiences in public schools in the city of Santos Heath - PB, which were observed during the supervised training, which enabled a discussion grounded in the theory and practice of teaching and the problems encountered during the educational process. The discussion is anchored on the need to reflect the pedagogical practices and how they are being discussed and worked, and aims to show what possibilities for change according to the need of the school environment. From the observations we felt the need to investigate the design of elementary school teachers about the difficulties and possibilities of teaching reading and writing. For data analysis we applied a questionnaire to three teachers of the schools observed during the internship period. As the main theoretical foundation appealed to the Cerizara (1992), Canario (2006), Gold (2000), Smith (1993), Pinto (2000), among others. It is concluded that for the knowing / doing, the theory-practice relationship is fundamental to the formation of critical and participative citizens in society, in order to give opportunities to reflect on how to resize the problems in education.

KEYWORDS: Theory and practice. Reading and Writing. Formation of critical citizens.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. CAPÍTULO I - REFLEXÕES TEÓRICO/PRÁTICAS ARTICULADAS AOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS	8
1.1 A gestão escolar e o processo de democratização da escola pública	8
1.2 Educação infantil	10
1.3 Educação Fundamental.....	11
2- CAPÍTULO II – UM OLHAR SOBRE A ESCOLA – A EDUCAÇÃO INFANTIL ...	13
2.1 Concepções de leitura e escrita	13
2.2 As dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita	14
2.3Aprendendo com os erros	14
2.4 Processo de aprendizado por métodos lúdicos.....	16
3- CAPÍTULO III – PERSPECTIVAS EM LEITURA E ESCRITA: necessidade e possibilidades.	18
3.1 Sobre a pesquisa	18
3.2 Leitura e escrita segundo os professores	19
CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
APÊNDICES	26

INTRODUÇÃO

A universalização de uma educação escolar de qualidade é o maior desafio de nosso país e, nesse contexto, a formação de professores competentes para atuarem na educação básica é de fundamental importância. Nos textos referentes ao campo da Educação podemos encontrar diversos discursos e relatos de experiências que apontam para as práticas pedagógicas relacionadas ao fracasso escolar. Essa situação pode ocorrer como uma forma ou tentativa de justificar o nível negativo dos alunos de forma generalizada, nas avaliações sistemáticas oficiais, que de uma forma refere-se a uma realidade vivenciada pelos profissionais da educação que de fato, conhecem e transitam pela escola pública, repleta de contradições.

Por outro lado, a escola pode ser considerada em vários momentos, o espaço de experiências pedagógicas realizadas com sucesso, que são desempenhadas por escolas comprometidas com a concepção de novas condições de ensino e aprendizagem e também por bons professores, que não se deixam enfraquecer pela rara valorização profissional e pelas condições antagônicas de trabalho, se dedicando com amor e competência em sua função docente.

A proposta deste trabalho de pesquisa é exatamente esta: colocar em destaque, em evidência, conhecer mais de perto experiências docentes positivas. Para isso, objetiva evidenciar as dificuldades e as possibilidades da prática docente para o ensino de leitura e escrita.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro apresenta o relato das observações e experiências dos estágios supervisionados em Gestão, Educação Infantil e Ensino Fundamental. O segundo traz a discussão e reflexão sobre as concepções em leitura e leitura e as dificuldades de aprendizagem. O último, por fim, apresenta as concepções de três professores de duas escolas municipais da cidade de Brejo dos Santos-PB.

1. CAPÍTULO I - REFLEXÕES TEÓRICO/PRÁTICAS ARTICULADAS AOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

1.1 A gestão escolar e o processo de democratização da escola pública

A gestão escolar pode ser considerada, no contexto educacional, uma solução das necessidades e mudanças no que diz respeito à vida escolar, organizando-se para atender as demandas sociais, visto que a escola tem um papel de formar cidadãos críticos. A gestão escolar surgiu com o intuito de organizar a escola. Os teóricos que debatem o campo educacional tem contribuído bastante no que relaciona à gestão escolar, pois trazem fatos relevantes aos aspectos democráticos que constituem o ambiente escolar, destacando o gestor, que junto com sua equipe, contribui para uma prática eficiente e permanente. Desde as décadas de 80 e 90 que o atual cenário educacional presencia mudanças significativas em termos socioeconômicos e culturais. Através do acesso à tecnologia e com a facilidade na utilização desses meios inovadores de comunicação vem proporcionando uma interação de padrões socioculturais, possibilitando mudanças mais rápidas. De acordo com Canário (2007), a escola é como uma organização viva, que constantemente se altera, se modifica e se constrói. As finalidades políticas e pedagógicas que norteiam o trabalho da gestão escolar podem ser alinhadas com inúmeras discussões e decisões frente a ações que a escola programe.

A gestão da educação, quando pensada numa perspectiva democrática, nos revela a necessidade de pensarmos numa escola que se caracterize não somente pelo gestor, mas que considere principalmente, a participação de todos os envolvidos. Neste sentido, a gestão democrática no sistema educacional público abre possibilidades para que se construa uma escola pública de qualidade, que atenda aos interesses da maioria da população brasileira, além de representar uma possibilidade de vivência e aprendizado da democracia, podendo, portanto, tomar um sentido diferenciado. (AZEVEDO, 2006, p. 510).

Segundo muitos autores, é preciso ter como princípio a gestão democrática para que se tenha um bom andamento da gestão escolar. É a partir dela, que vislumbramos melhorias na “qualidade da convivência humana, que se constrói na

cultura do povo e na sua história” (BUSS, 2008, p. 23). Neste contexto, é importante a participação da comunidade em geral, para ampliar as possibilidades de decisões tomadas. A gestão democrática é aquela que possibilita a participação de todos os seus envolvidos, buscando sempre a melhoria para aquele ambiente, tornando assim a escola como instituição social finalidades político-pedagógicas, promovendo uma educação mais democrática com participação de toda a comunidade escolar para tomada de decisões.

A gestão democrática da educação formal está associada ao estabelecimento de mecanismos legais e institucionais e à organização de ações que desencadeiem a participação social: na formulação de políticas educacionais; no planejamento; na tomada de decisões; na definição do uso de recursos e necessidades de investimento; na execução das deliberações coletivas; nos momentos de avaliação da escola e da política educacional. (LUCE e MEDEIROS, 2008).

Muitos teóricos debatem sobre o surgimento desta tendência: alguns defendem que este é um passo democrático e de valorização da educação – coerente com as reformas educacionais – ou outros acreditam que é uma forma que os governantes encontraram para “aliviar-se de suas responsabilidades, transferindo poderes e funções para o nível local”. (BARROSO, 2000, p. 45).

A partir de processo das práticas pedagógicas e das pesquisas desenvolvidas no decorrer do estágio, foi possível compreender que a democracia escolar é sustentada de acordo com a autonomia e participação da comunidade envolvida neste meio. Como exemplo de gestão, podemos citar a LDB de 1996, onde no artigo 12, demonstra um olhar minimalista quando descreve as incumbências das escolas, e dá uma atenção especial à gestão escolar e democrática visando um novo olhar no setor educacional, portanto, são incumbências da gestão escolar.

Ferreira (2011) destaca conforme estes fatos, que a gestão escolar, em conformidade através da LDB, possibilita flexibilidade nas ações ora estabelecidas, garantindo assim movimentos de autonomia frente aos interesses e necessidades do cotidiano escolar. Buss (2008) identifica a terminologia gestão como vinda do verbo latino gerere, que significa fazer, exercer, executar, administrar.

De acordo com a LDB, o termo gestão escolar refere-se a um princípio (constitucional) que regulamenta ou que orienta as ações dentro do universo

escolar. Dourado (2007) trata das políticas e gestão da educação básica no Brasil em seu artigo, com ênfase aos limites e perspectivas quanto a sua implantação, e mostra que: A gestão educacional tem natureza e características próprias. Ou seja, a escola, entendida como instituição social, tem sua lógica organizativa e suas finalidades demarcadas pelos fins político-pedagógicos que extrapolam o horizonte custo-benefício stricto-sensu. (DOURADO, 1997, p. 924).

Baseados em Buss (2008), podemos afirmar que a gestão escolar se organiza de três formas, com objetivo de garantir o processo educacional: a gestão pedagógica como objetivo, sobretudo, o ensino e a aprendizagem, a gestão de recursos humanos, com o envolvimento de toda comunidade escolar e a gestão administrativa. Sendo assim, percebe-se a necessidade de uma integração entre todos os segmentos que compõem a escola. Essa tal comunidade escolar é entendida como a participação de professores, alunos, de pais, funcionários e administração escolar.

1.2 Educação infantil

Oliveira (2003) diz que “a experiência de conhecer crianças pequenas é muito interessante. Elas demonstram agir com inteligência e chamam nossa atenção pelas coisas que fazem”. As crianças são seres em formação, com características específicas de acordo com a idade, e que pensam e sentem de uma maneira diferente dos adultos.

Podemos dizer que a educação infantil é o primeiro passo para educação formal, que atende crianças até a faixa etária de 5 anos. Vygotsky e Wallon construíram suas teorias sobre o desenvolvimento infantil partindo da mesma concepção de ser humano e de realidade. Esses filósofos entendem o sujeito a partir do materialismo histórico e dialético, compreendendo que sua relação com a realidade se dá através de mediações que permitem que ele seja transformado pela natureza, que por sua vez é transformada por ele.

Portanto, a mediação se processa por meio da utilização de instrumentos e signos que permitem uma transformação do meio e dos sujeitos. Podemos dizer que a diferença entre os dois é considerada a principal mediação nesta relação: para Vygotsky é a linguagem, enquanto que para Wallon, é a emoção, considerada por

ele uma linguagem anterior à própria linguagem, a primeira forma de comunicação (VIEIRA, 1996). **NÃO CONSTA NA REFERENCIA.**

Podemos classificar como linguagem da criança a emoção – para Wallon (1981), a emoção é a primeira linguagem da criança (choro, espasmos), que se transformam de atos impulsivos e motores para atos relacionados à comunicação. Nesse contexto, foi possível verificar nos estágios cada etapa da forma de comunicação das crianças para a professora. Tal emoção promove o desenvolvimento da inteligência, onde esta passa a determinar a ação humana. Ainda podemos considerar a imitação e representação – Wallon (1981) diz que a verdadeira imitação aparece em meados do segundo ano (estágio sensório-motor e projetivo), através de atividades que explorem a investigação do mundo dos objetos e das situações.

Para Vygotsky (apud Veer e Valsiner, 1996), a imitação é promotora do desenvolvimento humano, na medida em que a criança pode imitar uma série de ações que se encontram bem além dos limites de suas próprias possibilidades.

Deste modo, foi possível observar na prática que os alunos conseguem reproduzir suas emoções com relação às atividades propostas pela professora, e se mostraram adaptáveis as situações em sala de aula. Além disso, os alunos das séries do infantil foram capazes de acumular e colaborar na ampliação dos conceitos espontâneos. Embora cada um percorra um caminho diferente, a articulação dos conceitos foi intimamente aceita e relacionada por eles.

1.3 Educação Fundamental

O direito à educação infantil foi um processo lento para nosso país, mas que faz parte da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). Kramer apresenta o novo ensino fundamental como algo importante, quando diz: “[...] esclareço que considero a inclusão das crianças de 6 anos no ensino fundamental importante conquista para as populações infantis e para as famílias.” (Kramer, 2006, p. 798). Sendo assim, este ensino é inovador e assegura um direito para todas as crianças de seis anos de ingressar na escola. Desde 2005, a lei nº 11.114 determinou a duração de nove anos para o ensino fundamental. Desta forma, a criança entra na escola aos 6 anos

de idade, e não mais aos 7, e conclui aos 14 anos, no 9º ano. Esta lei garante ao aluno um tempo mais longo de convivência e de mais oportunidades de aprender.

O professor é o incentivador do questionamento, fazendo com que o aluno adquira uma consciência de como ser um cidadão atuante na sociedade. É nessa etapa que o aluno deve desenvolver a capacidade de aprendizado, por meio do domínio da leitura, escrita e cálculo. Todavia, para que se garanta uma aprendizagem de alta qualidade, existem dois fatores que precisam ser levados em consideração para que todo este ciclo produza bons resultados: uma adoção de processos de avaliação de forma contínua da aprendizagem, sendo possível detectar mais cedo as necessidades que não foram vencidas ao longo de cada etapa; implementação de um programa de reforço onde os conteúdos trabalhados prossigam com êxito.

Foi possível fazer uma observação quanto o trabalho desenvolvido e as dificuldades enfrentadas com relação à aprendizagem. Contudo, o novo ensino fundamental trouxe uma preocupação referente à inclusão de alunos neste modelo, para que todos possam aprender sem que tenham prejuízo. Isso é um fator importante, visto que os alunos, em outros tempos, não tinham aproveitamento eficaz, e atualmente se consegue moldar este cidadão por mais tempo, fazendo com que ele desenvolva um senso crítico para com seus direitos e deveres.

2- CAPÍTULO II – UM OLHAR SOBRE A ESCOLA – A EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 Concepções de leitura e escrita

A importância do aprender a ler e a escrever pode estar fundamentada na ideia de que o homem se torna livre por meio da palavra em seu domínio. Para Abdala (2014) “O uso da linguagem fez com que a linha do tempo divida a história em antes e depois da escrita, onde o homem pôde registrar maneira de ver o mundo”. Desta forma podemos entender que o processo de aprender a ler e escrever vai além de uma mera decodificação de símbolos, pois o sujeito é possibilitado a construir mensagens, registrar fatos da maneira mais clara e consciente possível.

Sabemos que o aprendizado da escrita acontece muito antes da criança entrar na escola, onde ela está inserida em uma sociedade com interação entre outros sujeitos. Desse modo, a reflexão sobre a língua escrita independe da escolarização, porém está relacionada ao acesso a diferentes oportunidades que farão a diferença no processo de aprendizagem.

Ferreiro (1993, p. 56), em sua obra, menciona que “quando falamos do ingresso na cultura escrita, pensamos imediatamente na aprendizagem escolar e, frequentemente, pensa-se na leitura como decodificação e na escrita como cópia repetitiva de sinais gráficos”.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) ao assinalá-las, a escola cumpre sua função de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (cf. P. 15).

Um dos elementos que evidenciei na vivência do estágio foi a possibilidade que as crianças tem de ser introduzidas em práticas focadas para a alfabetização. Foi uma experiência importante, pois me fez perceber que os primeiros anos fazem parte do processo de alfabetização, onde a criança tem oportunidade de acesso à língua escrita e ao ensino de código, usado pela sociedade que o indivíduo está inserido.

2.2 As dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita

Nesta pesquisa, que teve como propósito de refletir sobre aspectos relacionados às dificuldades e reflexões acerca da aprendizagem, foi possível constatar que a formação acadêmica e a experiência profissional é preocupante com relação ao descobrir novos métodos eficazes de transformar o erro em acerto, de moldar o desconhecido sem causar conflitos.

A escola tem como papel social formar o cidadão, trabalhando sua habilidade e emoção para prepará-lo para uma sociedade que está cada vez mais dura e exigente, com mudanças rápidas e complexas. As crianças estão sendo estimuladas cada dia mais a perceber um mundo mais amplo, complexo e plural. Tendo que trabalhar juntamente com as novas tecnologias, para que o trabalho de educação fique mais amplo. Muitos desses alunos já entram na sala com um vocabulário amplo, devido a saberem muitas coisas inseridas na mídia.

Diante disto, é importante compreendermos a necessidade de uma nova aprendizagem, visto que o mundo está mudando muito rápido, e não basta mais ter informações a respeito de determinado assunto.

De acordo com Capellini, Tonelotto e Ciasca (2004), o processo de escolarização se inicia com a entrada das crianças na educação formal, primeira série, e envolve o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para as aprendizagens subsequentes.

Nessa perspectiva ressalta-se a importância dos questionamentos a cerca das dificuldades que estes alunos de ensino fundamental podem ter, como por exemplo, Por que muitos alunos fracassam nos primeiros anos escolares diante das dificuldades da alfabetização? Que fatores levam a tais dificuldades? Por que ainda discutimos qual a idade correta para alfabetizar uma criança? No entanto, precisamos trabalhar a ideia de que qualquer idade pode ser trabalhada a alfabetização, desde que haja um sentido.

2.3 Aprendendo com os erros

O ambiente escolar traz desafios constantes ao educador principalmente quando se trata das atividades escolares. Até onde deve se encarar o erro no

aprendizado do aluno como algo ruim, como afirma Luckesi (2002), o erro não é fonte de castigo, mas suporte para o crescimento.

Diante deste desafio têm ocorrido grandes mudanças a respeito do erro, onde o mesmo é visto como uma forma de inferiorização do indivíduo perante um sistema ou outros, hoje já podemos usar o erro como guia para o acerto.

Em geral, o erro era observado pelo professor como um indicador do mau desempenho do aluno, sem jamais ser utilizado para o redimensionamento do ensino. O que permeava o ensino era uma “pedagogia da resposta” em que o erro era o sintoma visível do fracasso do aluno, assim como o acerto era o sinal mais evidente de seu sucesso. (PINTO, 2000, p. 8)

Todo professor tem autonomia para direcionar a sua metodologia de ensino sem precisar sair dos parâmetros educacionais, trazendo para a sala de aula novos métodos e aperfeiçoando os já utilizados no aprendizado.

Uma decorrência do princípio construtivista é o fato de o erro apresentar-se como uma oportunidade didática para o professor organizar melhor seu ensino a fim de criar situações apropriadas para o aluno superar seus erros e apropriar-se dos conhecimentos necessários à sua cidadania. (PINTO, 2000, p. 11)

Com tudo, tem um dizer popular que já exprimir a respeito do assunto, que é “devemos aprender com os nossos próprios erros”, é esse o ponto central para o aprendizado, onde deve ser analisado as dificuldades de aluno perante o tema, assim podemos verificar se o erro é na metodologia, na dificuldade de aluno assimilar algumas palavras ou até mesmo um distúrbio psicológico do aluno.

Mobilizar o professor para observar melhor o erro do aluno é instigá-lo a uma prática reflexiva, em que possa desenvolver sua criatividade, seu espírito crítico e cooperativo, no diálogo com todos os agentes escolares, rompendo com o individualismo e a rotina e, ao mesmo tempo, criando os laços de confiança necessários à sua autonomia docente. (PINTO, 2000, p. 173)

Desta forma o professor se compromete a transformar o ensino, ao qual favorece no aprendizado, na confiança do aluno em si mesmo como no próprio professor, já que estar demonstrando que o erro não é o fim e que o aluno sempre pode melhorar.

Segundo Demo (2001, p.50) “o erro não é um corpo estranho, uma falha na aprendizagem. Ele é essencial, faz parte do processo”. Para ele nós aprendemos com o erro, que pode se tornar um dos principais veículos da aprendizagem, uma vez que reconhecemos o que fazemos e buscamos melhorar.

Perrenoud (2000) proclama que “todos tenham direito de errar para evoluir. Ninguém aprende sem errar. Errando, reflete-se mais sobre o problema e sobre as ações usadas para resolvê-lo.” Assim, a cada erro cometido o indivíduo revê sua atitude como forma de aprendizagem e reflexão, para que a ação errônea não ocorra novamente e se torne uma fonte de crescimento.

Então o erro torna-se algo necessário para o ensino aprendido, tanto para o professor quanto para o aluno, à medida que ele percebe a falha, reconhece a ação e tenta buscar uma solução para revertê-la e/ou dependendo da situação problema, procura não realizá-la da mesma forma.

2.4 Processo de aprendizado por métodos lúdicos

A leitura e a escrita podem ser algo além de junção de símbolos ou ainda de saber decodificá-los, elas podem ir além, já que o indivíduo tem a necessidade de pensar (interpretar, relacionar, selecionar, organizar, representar e entre outros).

Apesar de apresentadas com dois sub-blocos, é necessário que se compreenda que leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo do letramento”. (PCN, Língua Portuguesa, v.2, p.52)

Durante o processo de estágio foi abordado vários métodos para o melhor rendimento dos alunos, desde dos métodos comuns como a apresentação das letras e os seus sons, como também brincadeiras, desenhos e competições, com a finalidade de melhorar o aprendizado. Essa prática é de extrema importância como valoriza Leal (2006):

De fato nenhuma criança precisa que lhe ensinem a brincar, pois o jogo e a brincadeira fazem parte da vida da criança desde o seu nascimento. Podemos sim, como professores e professoras, apresentar novas facetas das brincadeiras, que escondem um imenso potencial. O de preciosas oportunidades de se envolver em práticas de letramento diversas, ao mesmo tempo em que se apropriam das convenções e regularidades do nosso sistema de escrita. Enfim, brincando também se aprende (LEAL, 2006, p. 35).

Conforme o autor, é através desses métodos que os professores têm a oportunidade de adaptar as brincadeiras em sala de aula fazendo com que o aluno possa aprender de forma lúdica. Para isso é necessário um bom planejamento das atividades, já que está sendo aplicada para crianças de séries iniciais para não fugir do controle do educador tirando o sentido da proposta pedagógica inicial. Assim,

(...) ao usar a brincadeira como recurso pedagógico, deve-se ter presente que na expressão e construção do conhecimento, a criança apropria-se da realidade imediata, atribuindo-lhe significado. Assim, alunos com dificuldades de aprendizagem podem valer-se da brincadeira como recurso para facilitar a compreensão espontânea dos conteúdos pedagógicos, rompendo com velhos pré-conceitos em relação a uma disciplina ou outra. (MELO, 2009, p.2)

Existem diversas possibilidades de atividades lúdicas que podem ser empregadas ao processo ensino e aprendizagem da leitura. Dentre elas, destacam-se:

- Caça palavras (ou sopa de letras): consiste de letras arranjadas aparentemente aleatórias em uma grade quadrada ou retangular. O objetivo do jogo é encontrar e circundar as palavras escondidas na grade tão rapidamente quanto possível.
- Palavras cruzadas: Consiste de várias linhas formadas por quadrados em branco, algumas na vertical e outras na horizontal, que se cruzam umas com as outras. Cada linha deve ser preenchida por uma palavra, e cada palavra deve ser descoberta através de dicas que acompanham as cruzadas.
- Competição de soletrar: Onde o aluno tem como objetivo expressar oralmente as letras que compõe a palavra.

- Dar nome ao desenho: essa brincadeira podemos fazer de dois métodos, o primeiro de mostrado ou desenhado uma figura ao qual a criança deverá escrever o nome, o outro método é o inverso, onde a criança ira desenha o que estar escrito.

O uso de brincadeiras na educação é uma ferramenta poderosa, já que o educador cria um ambiente que motiva a criança, onde o mesmo trás bastante benefícios como a interação em grupo, ajuda a eliminar a timidez, reduzindo o medo do erro (já que para a criança é uma brincadeira) e o principal aumenta a motivação pelo aprender.

3- CAPÍTULO III – PERSPECTIVAS EM LEITURA E ESCRITA: necessidade e possibilidades.

3.1 Sobre a pesquisa

Nesse trabalho de pesquisa pretendo, a partir do levantamento bibliográfico e de campo, entender algumas dificuldades que existem no processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Analisar quais as necessidades e possibilidades para o ensino de leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental. A pesquisa bibliográfica segundo Marconi e Lakatos (2010) é de fundamental importância para o pesquisador, para situar-se no tema escolhido, analisando ideias publicadas sobre o assunto, criando assim conclusões inovadoras.

A pesquisa foi realizada nas escolas Arão Teodomiro, Diva Guedes e Lucas, na cidade de Brejo dos Santos, no Estado da Paraíba, durante os estágios supervisionados.

Foi observada a postura da comunidade escolar quanto à educação desses alunos, como eram tratados as problemáticas e as dificuldades enfrentadas por eles, e se a prática pedagógica esta sendo suficiente para intervir junto com esses alunos.

Este trabalho esta fundamentado nas teorias desenvolvidas por Ferreiro, Vygotsky e Piaget, pois estes autores deram grandes contribuições para que pudéssemos entender melhor o desenvolvimento intelectual.

Inicialmente trabalhei com a investigação propondo sugestões para ensinar e ler, observando a forma de trabalho colocada naquelas escolas. Como instrumento de pesquisa, foi aplicado um questionário para compreensão da concepção dos professores sobre leitura e escrita, com foco nas necessidades e possibilidades que contribuem para uma eficácia da aprendizagem.

3.2 Leitura e escrita segundo os professores

Tradicionalmente, trabalhamos com a ideia de como ensinar a ler e escrever. Sendo assim, para ver o ponto de vista de algum professor, entrevistamos 3 professoras, sendo uma de cada escola que estagiei, a fim de compreender os métodos e a realidade dos alunos frequentadas nas escolas. No texto, as professoras serão identificadas como 1, 2 e 3, com objetivo de preservar a identidade.

A professora 1 perguntamos o que ela achava das dificuldades no processo de leitura, e ela respondeu que os alunos tem muita dificuldades na interpretação de texto, no sistema de escrita, tanto como codificação e decodificação.

Foi questionado o papel da escola quanto ao que ela oferece para que o processo de aprendizagem seja mais completo. Ela respondeu que a escola tem o papel de fornecer algo prazeroso de ler e escrever, para que a aprendizagem se torne mais interessante.

“A escola é o espaço de interlocução onde o aluno deverá ter a oportunidade de interagir com uma diversidade de textos orais e escritos que tenham características linguísticas particulares e que possam ser em muitos aspectos, diferentes do que fazem parte do seu dia-a-dia. A leitura e a escrita exige um trabalho consciente e mais sistematizado, em que as intervenções de alguém mais experiente (professor, pais, e os envolvidos no processo educativo do aluno) vão mobilizando o sujeito sobre a própria linguagem provocando aprendizagem. O professor como mediador do processo de ensino aprendizagem, precisa ser interventor na revolução de problemas e desenvolver um trabalho consciente que promova aprendizagem.” (Professora 1)

Para Bettelheim (2007) a leitura para as crianças é algo a mais que uma junção de palavras que transmite algo, para elas é uma parte que leva a qualquer lugar, mas infelizmente não é praticado assim pela maioria dos educadores ao qual

acaba por muitas vezes desestimulando os alunos.

Para a criança é um grande prazer e uma grande satisfação o fato de tornar-se capaz de ler... Ela fica orgulhosa ao poder fazer isto. Entretanto, esse entusiasmo logo se esvanece quando os textos com os quais se defronta forçam-na interminavelmente a reler a mesma palavra. O reconhecimento da palavra deteriora-se rapidamente: torna-as uma vazia aprendizagem de memória quando não conduz diretamente a leitura de conteúdos significativos... (BETTELHEIM, 2007).

Desse modo, entende-se que a leitura necessita ser compreendida como um processo de aprendizagem baseado e despertado pelo prazer de quem lê e de quem estimula, e que a escola pode contribuir de maneira bastante significativa para esse desenvolvimento.

Segundo a professora 2, a leitura é de extrema importância para o aprendizado, na formação de cidadãos críticos e capazes de fazer uma reflexão sobre a realidade em que está inserido. Neste sentido a leitura deve ser estimulada não só no espaço escolar como em casa, em espaços como: bibliotecas, etc.

A leitura deve continuar independente do ambiente, já que a mesma pode estar inserida em qualquer lugar, cultura e hora.

A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma. (CAGLIRI, 2003)

De acordo com a professora 3, O apto da leitura tem que ser estimulado desde a infância, para que os indivíduos aprendam cedo a importância da leitura e veja como algo prazeroso.

“A leitura deve ser apresentada para os indivíduos de forma interessante que prenda as atenções e interesses, tanto, pois, como professores tem um papel fundamental nesta apresentação da leitura aos indivíduos, já que esses são os exemplos que eles têm para a vida.” (Professora 3)

Segundo essa mesma concepção FERREIRO (2000) demonstra que cada indivíduo tem o seu papel no caminho do aprendizado.

[...] a aprendizagem da leitura e da escrita não se dá espontaneamente; ao contrário, exige uma ação deliberada do professor e, portanto, uma qualificação de quem ensina. Exige planejamento e decisões a respeito do tipo, frequência, diversidade, sequência das atividades de aprendizagem. Mas essas decisões são tomadas em função do que se considera como papel do aluno e do professor nesse processo; por exemplo, as experiências que a criança teve ou não em relação à leitura e à escrita. Incluem, também, os critérios que definem o estar alfabetizado no contexto de uma cultura. (FERREIRO, 2000, p. 32)

Os objetivos é a construção de novos conhecimentos, desenvolver o interesse pela leitura, possibilitando assim aquisição da linguagem, que acaba sendo enriquecida com a prática da leitura, sabe que não há uma fórmula mágica para que o interesse pela leitura seja desenvolvido, nos existe mecanismos como a internet, os livros, jornais. Vivemos em um contexto de muitas facilidades de acesso a informação, porém o que se fazer uma reflexão dessa leitura das informações.

Sendo assim, podemos entender com este trabalho que, a escola é um dos lugares mais privilegiados, para diminuir problemas de aprendizagem. Ela deve oferecer condições favoráveis, satisfatórias, ambiente adequado para que o aluno possa se sentir bem acomodado no modo da escola ensinar. Precisa promover momentos de reflexões, priorizar o papel de reconstruir a figura do aluno e do professor, onde o professor facilita a aprendizagem e o aluno seja o criador do seu processo pessoal, educacional, social e cultura. Quando a escola ensina a aprendizagem significativa, o conhecimento é aprendido e passa a ter significado para a vida do aluno.

CONCLUSÃO

Através desse trabalho, podemos perceber o quão importante se faz discutir essa problemática, mostrando a visão ampla do que os profissionais enxergam, para juntos moldarmos o que seja errado ou certo, de acordo com a abordagem com base nas dificuldades de aprendizagem, e sobre a possibilidade de um trabalho que vise à melhoria desse ensino.

Nesse sentido, sabe-se que os pré-requisitos, impostos por nós mesmos, produz uma barreira pela qual entendemos com uma barreira biológica, impedindo de a criança definir sua maturação, e não deixando ser observada a potencialidade da criança.

Percebemos que a escola tem um papel de fornecer algo prazeroso de ler e escrever, para que a aprendizagem se torne mais interessante.

Entendemos que a leitura deve ser estimulada não só no espaço escolar, mas também em espaços como a própria casa, bibliotecas etc.

Desse modo, entendemos que a escola é um dos lugares mais privilegiados para diminuir problemas de aprendizagem. Ela precisa oferecer condições favoráveis, satisfatórias, ambiente adequado para que o aluno possa se sentir bem acomodado.

Ela precisa promover momentos de reflexões, priorizar o papel de reconstruir a figura do aluno e do professor, onde o docente facilita a aprendizagem e o aluno seja o criador do seu processo pessoal, social e cultural. Quando a escola ensina a aprendizagem é significativa, o conhecimento é aprendido e passa a ter significado para a vida do aluno.

Nota-se que as ideias a respeito do tema com as três professoras que vivenciam esta realidade junto com os alunos, onde eles tem uma opinião conjunta sobre a importância da leitura e escrita na formação, foram benéficas, mas também ao mesmo tempo veem essa dificuldade no aprender como algo que pode ser refletido e debatido junto com a sociedade para tentar facilitar o aprendizado da mesma.

Nossa intenção, neste trabalho de pesquisa, foi de contribuir, de alguma forma, para a discussão sobre o processo de aprendizagem da educação infantil,

dando ênfase à problemática da dificuldade de aprendizagem, e apresentando alguma forma de trabalhar com esse preceito.

Entretanto, ressaltamos aqui a necessidade do comprometimento educacional, da busca por melhorias e formas alternativas de trabalhar a educação de forma significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDALA, Nacir. **Concepções de leitura e de escrita.** <http>www. educacional.com.br/articulas. Acessado em 30 de julho de 2014.
- BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez. 1996.
- BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais/ Língua Portuguesa.** SEF-Brasília, 1997.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BUSS, A. M. B. **Entidades de gestão democrática.** SED, 2008.
- BARROSO, J. **O reforço da autonomia das escolas e a flexibilização da gestão escolar em Portugal.** In: FERREIRA, N. (org.). **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo. Ed. Scipione, 2003.
- CANARIO, Rui. **A escola tem futuro? Das promessas às incertezas.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CERIZARA, Ana Beatriz. **Educação Infantil: Um jogo de quebra-cabeça ou quebrando a cabeça?** Florianópolis, 1992.
- DEMO, P.E. **É errando que a gente aprende.** Nova Escola. São Paulo, n.144, pp.49-51, ago. 2001.
- DOURADO, L. F. **A escolha de dirigentes escolares: políticas e gestão da educação no Brasil.** In: FERREIRA, N.(org.). **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios.** 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- FERREIRO, E; M. G. P. – **Os processos de Leitura e Escrita,** 3ª ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- FERREIRO, E. **Com todas as Letras.** São Paulo: Cortez, 1993.
- LEAL, Telma Ferraz et al. **Jogos e brincadeira no Ensino de Língua Portuguesa.** Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação à Distância. Universidade Federal de Pernambuco. 2006.37 p. [Coleção: PRÓ-LETRAMENTO. Fascículo 05].
- LUCE, Maria Beatriz; MEDEIROS, Isabel Letícia Pedrosa de. **Gestão Escolar Democrática: concepções e vivências.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
- LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar.** 13.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Diretrizes para a formação do professor de Educação Infantil**. In: Revista Pátio de Educação Infantil. Ago/Nov. Porto Alegre, 2003.

PARO, Vitor H. **Gestão democrática da escola pública**. Ática, 2002.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PINTO, Neuza Bertoni. **O erro como estratégia didática: Estudo do erro no ensino da matemática elementar** / Campinas, SP: Papirus, 2000.

VIEIRA, Laura Helena Chaves Nunes. **O desenvolvimento infantil na perspectiva do Materialismo Dialético**. Florianópolis: Mimeo, 1996.

APÊNDICES

Questionário da entrevista das professoras 1,2 e 3, aplicado em sala de aula.

1. Quantos alunos têm dificuldade de aprendizagem na escola e que frequentam a sala de recursos?
2. Quais são as dificuldades de aprendizagem que os alunos apresentam e em qual área mais apresentam DA¹, se é na leitura ou na escrita?
3. Como a escola age diante das DA?
4. Como é desenvolvido o trabalho pedagógico na sala de recursos e quais recursos são utilizados pelo professor (como atende os alunos, individual ou grupos)?
5. Como a escola consegue sanar essa dificuldade?

¹ Dificuldade de Aprendizagem.

Perspectiva em leitura e escrita:
as dificuldades e possibilidades, quais os objetivos e instrumentos usados.

A leitura é de extrema importância para o aprendiz, na formação de cidadãos críticos e capazes de fazer uma reflexão sobre a realidade a que está inserido. Neste sentido a leitura deve ser estimulada, não só no espaço escolar como em casa, em espaços como biblioteca etc.

• A importância da leitura, ligada ao desenvolvimento de uma cultura de leitura fazendo com que seu leitor seja atraído e desenvolva um carinho pela prática da leitura.

• O hábito da leitura tem que ser estimulada desde a infância, para que os indivíduos aprendam cedo a importância da leitura e a vejam como algo prazeroso.

• O objetivo central da leitura é fazer o aluno entender a função social da leitura, utilizando a diversidade que a circula socialmente

Perspectivas em leitura e escrita:
as dificuldades e possibilidades.

- A leitura deve ser apresentada para os indivíduos de forma interessante que prenda os atentos e interesses, tanto pais, como professores tem um papel fundamental nesta apresentação da leitura aos indivíduos, já que estes são os exemplos que eles tem para a vida.

É quais os objetivos e os instrumentos usados.

- Os objetivos e a construção de novos conhecimentos, desenvolver o interesse pela leitura, possibilitando assim aquisição da linguagem, que acaba sendo enriquecido com a prática da leitura. Sabemos que não há uma fórmula mágica para que o interesse pela leitura seja desenvolvido, mas existe em um contexto de muita facilidade de acesso a informações, porém a que se faz uma reflexão dessa leitura das informações.

resolver um trabalho consciente, que promova a aprendizagem. Sendo assim a escola é um dos lugares mais privilegiados para diminuir problemas de aprendizagem. Ela deve oferecer condições favoráveis, satisfatórias e ambiente adequado para que o aluno, possa ~~se~~ sentir bem acomodado no modo, da escola ensinar. Precisa promover momentos de reflexão, a priorizar o papel de reconstruir a figura do aluno e do professor, onde o professor facilita a aprendizagem e o aluno seja o criador do seu processo pessoal, educacional e social/cultural. Quando a escola ensina a aprendizagem significativa, o conhecimento é aprendido e passará a ter significado para a vida do aluno.

Perspectivas em leitura e escrita:

As dificuldades e possibilidades.

Quais os objetivos e os instrumentos usados?

As dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita têm se mostrado um assunto que ainda gera discussões na sua conceituação, possuem múltiplos significados e valores na nossa cultura. Ler pode significar desde atribuir sentido. Numa acepção mais ampla, até a simples descodificação, podemos relacionar a leitura com o ensino formal. O mesmo acontece com a escrita: escreve-se do mundo, deixando, deixando registros que podem ser diferentes produções culturais ou escreve-se apenas com as letras.

A escola é o espaço de interlocução onde o aluno deverá ter a oportunidade de interagir com uma diversidade de textos orais e escritos que tenham características linguísticas particulares e que possam ser em muitos aspectos, diferentes do que fazem parte do seu dia-a-dia.

A leitura e a escrita exige um trabalho consciente e mais sistematizado, em que as intervenções de alguém mais experiente (professor, pais e os envolvidos no processo educativo do aluno) vão mobilizando o sujeito sobre a própria linguagem provocando aprendizagem.

O professor como mediador do processo de ensino aprendizagem, precisa ser interven-
tor na resolução de problemas e desenrol-